



CIÊNCIA POLÍTICA

1 IDEOLOGIAS POLÍTICAS: AS DIFERENTES CORRENTES

COM PROF. RAFAEL NOGUEIRA

Copyright © 2020 Brasil Paralelo
Os direitos desta edição pertencem a Brasil Paralelo

Editor Responsável: Equipe Brasil Paralelo
Revisão ortográfica e gramatical: Equipe Brasil Paralelo
Projeto de capa: Equipe Brasil Paralelo
Produção editorial: Equipe Brasil Paralelo

Ferrugem, Lucas

Ideologias Políticas: Aula 1

ISBN:

1. Ideologias Políticas

CDD 320

Todos os direitos dessa obra são reservados a Brasil Paralelo.
Proibida toda e qualquer reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução sem permissão expressa do editor.

Contato:
www.brasilparalelo.com.br
contato@brasilparalelo.com.br

SINOPSE

Neste e-book, os termos direita e esquerda são desconstruídos para que você aprenda a pensar os espectros políticos a partir de uma nova concepção, a qual permite um entendimento mais sofisticado da realidade.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Como surgiram os termos direita e esquerda; quais as duas matrizes culturais existentes; o que é conservadorismo; o que é mentalidade revolucionária; qual a diferença entre socialismo e social-democracia; o que é liberalismo; o que é Escola de Frankfurt, quais seus inimigos e mecanismos para conquista do poder.

INTRODUÇÃO

Neste curso, temos por objetivo conhecer como surgiram os termos direita e esquerda e explorar por que esta nomenclatura, que está em voga, pode ser substituída por uma outra perspectiva mais acurada para lidar com as ideologias políticas.

Enquanto em alguns ambientes mais intelectuais, há debates acerca do conservadorismo, do liberalismo, da social-democracia, nas ruas, na prática, as pessoas consideram a si próprias e consideram aos outros como de direita ou de esquerda.

Ao utilizar uma palavra para adjetivar um amplo grupo de pessoas, é fundamental que exista uma reflexão profunda sobre o tema, a fim de entender o que essa palavra está significando e o que estamos apontando quando a usamos.

Portanto, apresentamos dois objetivos: o primário, de depurar o senso crítico e; o secundário, de traçar os principais elementos de cada uma dessas correntes de pensamento e saber onde estão as origens das ideias de cada um de nós, para identificar, de forma mais precisa, com o que realmente concordamos e o que, eventualmente, precisamos revisar.

AS ORIGENS DE DIREITA E ESQUERDA

Fora de um círculo intelectual, encontramos uma sociedade dividida em direita e esquerda. No entanto, essa divisão sofre alguns problemas.

Há uma análise comum que aponta uma crescente polarização social. Mas, será que é honesto afirmar que 50% da população concorda com um conjunto de ideias enquanto os outros 50% concorda com outro conjunto? É válido perguntar: será que as pessoas têm essa investigação acerca de seu conjunto de ideias a ponto de se posicionarem clara e conscientemente como direitistas ou esquerdistas? Eu arrisco dizer que se questionarmos os transeuntes “o que é direita?” e “o que é esquerda?”, as respostas não serão muito sofisticadas.

Por isso, vamos começar do princípio, buscando entender como esses termos surgiram.

No colégio, aprendemos que a aplicação política das palavras direita e esquerda na Revolução Francesa. A classe burguesa havia ascendido e a monarquia de Luís XIV estava realizando verdadeiros absurdos. Essas circunstâncias culminam em uma revolução, cujo objetivo é a conquista de direitos.

Os revolucionários estavam reunidos em um ginásio. Estudamos que aqueles sentados à direita queriam conservar o estado das coisas, enquanto aqueles sentados à esquerda queriam promover reformas. Os girondinos e os jacobinos. As origens de direita e esquerda são, portanto, um mero acaso físico, um acontecimento físico que dividiu quem defendia uma posição para um lado e quem defendia outra posição para o outro.

Entretanto, essa é a primeira mentira que precisamos esfacelar. Isso não é verdade, pois dos dois lados do ginásio havia três classes sociais diferentes: clero, nobreza e burguesia. Os girondinos e os jacobinos divergiam intelectualmente e não por uma questão de classe social ou aspectos econômicos. Mais importante: tanto girondinos quanto jacobinos eram o que hoje chamamos de esquerda. Ambos eram revolucionários. Os jacobinos pregavam o enforcamento do rei e queriam materializar a típica frase de Voltaire: “enforcar o último rei com as tripas do último padre”. Os girondinos também queriam depor a monarquia e acabar com o antigo regime. No entanto, para atingir esse objetivo, pleiteavam a implementação constitucional que delimitasse o poder dos reis. Os girondinos e os jacobinos partiam da premissa de Rousseau de que o homem nasce bom e a sociedade o corrompe. Ou seja, entendiam a sociedade como a força moral corruptora do homem.

Dentre eles, estavam indivíduos que raramente são mencionados, por foram mortos: o Ancien Régime, composto pela monarquia e pelos cleros, os quais eram contra as reformas requeridas. Hoje, é impossível visitá-los, pois seus ossos estão

embaralhados na lama e na terra da Revolução Francesa, em um cemitério coletivo, no qual é inviável identificar o osso do nobre daqueles indivíduos que não apresentaram qualquer representação histórica.

Chegamos a uma conclusão: na moderna acepção, os dois lados eram esquerdistas.

O que nós precisamos entender quando estamos vendo esse quadro? Por que daqui nasceu a ideia de que a direita representava um grupo social e que a esquerda representava outro grupo social?

Para responder adequadamente a essa questão, vamos investigar os motivos da Revolução Francesa. Segundo a historiografia tradicional, a França vivia um período de grave crise. O rei Luís XIV, ignorava essa situação, gastando dinheiro com extravagâncias e com a construção do Palácio de Versalhes. Simultaneamente, pela primeira vez na história, a burguesia estava ascendendo. Isso nos impõe uma pergunta que não costumamos nos fazer quando recebemos uma narrativa: como há a ascensão da burguesia exatamente no mesmo momento em que há a maior reivindicação de que essa classe não era portadora de direitos e precisava de representatividade?

Na realidade, não houve uma crise burguesa, mas sim a ascensão política da democracia de massas. Esse é o paralelo entre antes e depois. A desintegração dos feudos e o concomitante renascimento urbano, com a crescente aglutinação massiva nas cidades, resultaram na intensificação das trocas e no florescimento econômico, que concentraram dinheiro e poder na mão dos burgueses, fazendo com que possuíssem meios de capital indisponíveis anteriormente. Foi essa concentração que os levou a dizer: “agora, eu quero dar palpite na política”.

Contudo, essa não era uma sociedade com grande prática ou formação escolástica. As pessoas não possuíam uma tradição de estudo. Que ideologia chegou a eles? Naquela época, havia sujeitos gritando nas praças e nos salões, de forma muito apetecível, que certas ideias eram importantes para corrigir a sociedade. Esses homens eram Rousseau e Voltaire, e alguns outros. À vista disso, os burgueses da Revolução Francesa podem ser divididos entre revolucionários e mais revolucionários.

Desmanchamos a origem histórica de direita e esquerda é fundamental para entender que ambas palavras são totalmente vazias quando as investigamos

etimologicamente. Neste sentido, esquerda e direita compõem um campo físico que foi delimitado, onde os dois eram revolucionários e nada significam.

Entretanto, por mais que a origem não seja uma unidade de significado, não podemos ser hipócritas e mentir a realidade de que hoje as palavras direita e esquerda trazem consigo alguns significados. Por mais que não saibamos expressar, e que, por vezes, estejamos equivocados, portamos conosco um conceito intuitivo de que determinadas atitudes, comportamentos e valores são de direita enquanto outros são de esquerda.

Para realmente compreender isso, vamos precisar entender o que há de unidade que permite que esse conceito seja aplicado, ainda que tenha nascido por simples obra do acaso e não represente, em sua origem física, uma divisão de ideias, mas sim uma divisão de meios¹.

Qual é, portanto, a unidade, a moldura que nos dá o horizonte de consciência de direita e de esquerda?

UMA NOVA PERSPECTIVA

Frequentemente, nos debates, os conceitos de ideologia e de cultura são confundidos. E isso é prejudicial para a compreensão do tema acerca do qual estamos tratando. Por isso, é elementar fazer uma ruptura com o pensamento direita e esquerda, a fim de que tenhamos a oportunidade de pensar em outros termos.

A partir deste momento, vamos adotar duas outras perspectivas: conservadorismo e revolucionários e, para que todos compreendam, vamos construir juntos o significado dessas duas palavras. Direita e esquerda, portanto, serão substituídos por uma unidade conservadora e uma unidade revolucionária.

Conservadorismo e revolucionários não são ideologias políticas. Etimologicamente, ideologia é uma tentativa de racionalmente apreender uma realidade e instrumentalizá-la, para que seja possível substituí-la por uma outra realidade.

Por exemplo: é possível racionalizar o que está acontecendo em uma sala de aula. Na tentativa de apreensão, posso afirmar que a sociedade é organizada com um professor que fica defronte aos alunos, enquanto estes estão sentados à sua volta

¹É possível dizer, se assim quisermos, que a Revolução Francesa foi o primeiro teatro das tesouras.

aprendendo. Neste cenário, o professor tem o capital da fala e expressa todo conhecimento que absorveu de determinados livros e pesquisas. Nesse processo, eu vou compondo a realidade, descrevendo-a. Depois, por achar que a sociedade não deveria funcionar assim, eu proponho uma nova realidade, em que, por exemplo, cada aluno deve contribuir com um pouco do seu conhecimento, fazendo com que o professor também tenha de ouvi-los, etc.. Ou seja, eu elaboro uma nova realidade que deve ser implementada. Isso é uma ideologia, seja ela o liberalismo ou o socialismo.

Conservadorismo e revolucionários, por sua vez, são culturas. A cultura é um conjunto de crenças e valores que servem de gabarito na hora de pensar, agir e decidir. Eles estão pautados em mitos fundadores, um conceito de Schelling. O mito fundador não é uma mentira e também não é necessariamente arquetípico, sendo aquela explicação primordial que dá origem aos nossos valores.

Averiguemos, agora, a cultura conservadora e a cultura revolucionária.

A Cultura Conservadora

O conservador, enquanto cultura, é justamente aquele que vai entender que o mundo é difícil.

Edmund Burke, fundador do conservadorismo enquanto síntese de conceito, examinou a Revolução Francesa no livro “Reflexões sobre a Revolução na França”, em que criticou e previu o que aconteceria. Na obra, Burke expôs que a Revolução Francesa estava criando um monstro ao se livrar dos valores, pois, uma vez que estes estivessem liquidados, haveria um declínio que levaria um líder totalitário a assumir o poder. Esse líder proporia valores desconhecidos, ocasionando aumento da imprevisibilidade. Um ano depois, 40 mil pessoas foram decapitadas em praça pública na França, incluindo a mãe do próprio ditador, Robespierre.

Houve uma evolução, mas veremos que no decorrer dos séculos 18, 19 e 20, a situação não se atenuou e mais pessoas foram decapitadas ano após ano.

Edmund Burke, um político conservador britânico, apesar das certas predições, escreveu em sua outra obra “Defesa da Sociedade Natural”: “Eu jamais teria a pretensão de expressar aqui como a sociedade se organiza, porque as elites naturais, a aristocracia, a burguesia, a relação de poderes, os governantes, a relação de interesses, a natureza humana, Deus, metafísico, tudo é extremamente complexo

e influencia tudo ao meu redor”. Com isso, declarava que o conjunto de uma sociedade é tão complexo que nunca teria a pretensão de colocá-lo em um livro.

O conservadorismo é admitir essa complexidade e a impossibilidade de elaborar qualquer esquema suficientemente capaz de convencer que as alterações propostas terão as consequências previstas. As consequências das propostas são maiores do que estamos aptos a perceber. Não temos competência para calcular e expressar o que vai acontecer.

Com isso, temos a primeira síntese de conceito conservador, que exprime esse receio de respeitar a história civilizacional e de entender que não conquistamos tudo facilmente, não nascemos com as coisas de mão beijada.

Trazendo para nossa realidade prática. Ao baixar esse *e-book*, você não tinha conhecimento sobre como funciona o sistema operacional para fazer o download. Provavelmente, você não tem a mínima competência para determinar se o *e-book* vai ou não danificar o seu computador. É sempre uma surpresa. No entanto, você confia e o download funciona. Outras milhares de pessoas também estão baixando *e-books* na internet. Alguns fizeram isso no tablet, outras no celular, outras no notebook. Isso para dizer que a sociedade está estruturada, para nós, de tal maneira que é extremamente pretensioso acharmos que não herdamos nada. Nós estamos vestidos com as roupas que nós preferimos, as quais estão disponíveis para praticamente todas as classes sociais, percentualmente falando, de diferentes gostos e estilos. Nós podemos nos locomover de uber, de ônibus, de bicicleta, de moto. Nós herdamos uma sociedade pronta, e mais do que somente aspectos materiais. Conforme frisa Burke, nós herdamos o direito de dormir com a porta fechada sabendo que, durante a noite, ninguém vai derrubá-la e me esfaquear (embora, no Brasil, infelizmente, isso ainda aconteça). É fácil desvalorizar essa conquista uma vez que estamos a uma distância considerável da época em que o mundo não tinha isso. Mas, o quanto valia o advento de dormir sabendo que ia poder acordar quando o ser humano ainda não desfrutava dessa segurança? Nós conquistamos isso e o conservador é justamente aquele que vai trazer atenção para essas conquistas e vai ter medo de perdê-las, pois tem consciência que decisões mal pensadas as colocam em risco. O conservador está ciente que as intenções não são necessariamente as consequências e que, com um intuito bom, podemos ter um resultado muito ruim.

A Mentalidade Revolucionária

Sem qualquer juízo de valor, a mentalidade revolucionária é, literalmente, um desrespeito ao passado.

O revolucionário, enquanto modelo de vida, não está presente somente na civilização ocidental, como no caso do Karl Marx e do Friedrich Engels. A sociedade oriental sintetizou isso, inclusive através da criação de diversos símbolos que representam a ordem e o caos, o terror e a paz. Isso está presente na sociedade islâmica, hindu, chinesa e, claro, na sociedade ocidental, pois se trata de um contraponto da natureza humana.

A cultura revolucionária prega que o *status quo* é antiquado, que os valores herdados não comportam as práticas do presente e que é preciso reformá-lo o mais rápido possível, pois não se aceita viver dessa forma, fazendo o que for preciso para resolver esses problemas. A identificação de quais são os problemas deriva nas ideologias, constituindo a fronteira entre a ideologia e a cultura.

Uma vez que a diferença entre cultura conservadora e cultura revolucionária está estabelecida, vamos romper a matriz direita x esquerda, a qual não faz muito sentido, para enquadrar o liberalismo, a social-democracia, o fascismo, o nazismo, entre outros, dentro das lógicas conservadora e revolucionária.

O Liberalismo

O liberalismo surge como ideologia na sociedade inglesa, entre os séculos 18 e 19. Neste caso, estamos falando de instrumentos, qual compreensão temos da realidade e qual compreensão queremos instaurar nesta.

A imaginação do liberalismo acerca da sociedade ideal parte da ideia de que, independente de qual presidente seja eleito, não haverá uma mudança expressiva na minha vida, na comunidade do meu bairro, no meu Estado, pois as decisões não serão tomadas de cima para baixo. Ou seja, a eleição de um presidente não é capaz de desestruturar a sociedade que estou acostumado a viver e transitar. O liberal quer que seu bairro e sua comunidade estejam protegidos desses sistemas totalitários intervencionistas. Podemos derivar isso para outros argumentos sobre por que impostos não devem existir, por que não se deve violar a propriedade privada, por que o liberalismo quer consolidar o direito à vida, à liberdade e à propriedade privada. No entanto, o ponto fundamental é que a imaginação liberal, expressa no livro “Segundo Tratado da Sociedade Civil” de John Locke, é esse intento de se

despreocupar enquanto sociedade, não se politizar em uma democracia de massa moderna. Isso é o que chamamos de liberalismo clássico.

O liberalismo clássico decorre de uma cultura conservadora, porque o liberal não está ensejando uma mudança. Ele quer apenas que o sujeito que ganhe as eleições não tenha o poder de sancionar uma lei capaz de mudar totalmente a vida dos indivíduos.

O partido conservador britânico, que defendeu o liberalismo clássico, foi fundado politicamente sem a pretensão de defender propostas, com a única intenção de parar as reformas que estavam acontecendo no governo. Ou seja, o partido conservador nasceu para frear as reformas governamentais, a fim de frear a “revolução”, do ponto de vista conservador.

O Socialismo

Na mesma época, no lado revolucionário, nascia o socialismo. De forma extremamente sintética, Karl Marx, influenciado por Friedrich Engels, vendeu o panfleto do Manifesto Comunista para uma empresa, a fim de disseminar sua ideologia.

Há muitos que desqualificam o papel econômico da teoria de Marx. Entretanto, percebo nele uma grande periculosidade, uma vez que é responsável por igualar trabalho e valor. Tornar iguais trabalho e valor significa que se duas pessoas trabalham para fazer camisas e outros livros, ambos devem receber igualmente ao intercambiar esses bens. Para Marx, esforço é igual a valor. Sabemos que isso não funciona assim. Há uma ótima colocação do Ricardo Gomes, presente no Congresso, em que ele afirma que pode passar muito tempo pintando um quadro que este, ao final, não irá valer nada. São as pessoas que atribuem valor às coisas, o valor não é algo que está intrínseco nos materiais enquanto bem. Atribuímos valor.

O socialismo estabelece o valor-trabalho, afirmando que é o esforço que determina o valor dos bens. Ainda, que os donos dos meios de produção estão explorando aqueles que trabalham com estes. Por isso, é preciso uma sociedade justa e que todos trabalhem igualmente.

Marx tenta resolver esse problema: como fazer para organizar uma sociedade em que todos trabalhem igualmente? Marx cria a ideia de estabelecer os donos dos meios de produção do Estado, os quais vão gerenciar os indivíduos. Ou seja, Marx transferiu o papel dessa elite que estava criticando. Ele transfere o poder para o

Estado, ao qual caberá fazer com que todos os bens valham a mesma coisa e distribuí-los. Posteriormente, quando as pessoas já tiverem assimilado essa cultura e o Estado não for mais necessário, pode ser desmanchado e seus membros demovidos do poder.

Essa teoria ganhou um aspecto romanesco, vencendo em diversas facetas. Embora tenha conseguido bastante eco e grande repercussão, a teoria proposta por Marx não funcionou, pois a etapa da ditadura é sempre muito resistente. Quando os indivíduos conquistam o poder a fim de implementar suas ideias, é difícil fazer esse projeto funcionar e também demovê-los do poder.

Lembram que eu mencionei que a ideologia é a apreensão da realidade em busca de uma nova realidade? O problema é que não conseguimos apreender toda a realidade, não conseguimos estipular todas as variáveis e muito menos estipular o que acontece se uma alteração for feita. É impossível calcular. São muitas hipóteses possíveis a partir dessa mudança, que não são abarcadas por nossa capacidade imaginativa.

Para quem critica a falta de praticidade dos conservadores e propaga que é preciso formar uma elite baseada em ideias, é importante saber que não foram os sindicatos marxistas que ganharam vez no planeta ou a Internacional Socialista. O grande problema aconteceu quando um homem, frustrado com a condenação e a morte de seu irmão, um terrorista que havia tentado explodir a carroça do Czar russo, leu o “Manifesto Comunista”. Na época, Lênin era um adolescente de 17 anos. Ele havia perdido seu irmão e estava revoltado com a sociedade em que vivia.

Lênin entendeu que as ideias presentes no “Manifesto Comunista” eram compatíveis com a realidade na qual estava inserido. Estimulado, passou à de “O Capital”. Lênin discordou de Marx em um ponto fundamental. Enquanto Marx afirmava que o socialismo chegaria e que era preciso comunicar essas ideias para todas as pessoas, a fim de fazer a revolução avançar naturalmente, Lênin propugnou que o jeito mais fácil de implementar a revolução era a revolta armada. Ele, de fato, pegou em armas e o resto da história é, nas estimativas mais otimistas, 20 milhões de assassinatos. Há, inclusive, o episódio do Holodomor, em que Stálin cercou a Ucrânia, exportou toda comida e deixou seis milhões de ucranianos morrerem de fome.

Por que isso acontece?

Precisamos investigar novamente o que é cultura. A cultura é os valores e os gabaritos na hora de agir, decidir e pensar. É preciso ter empatia humana. Acreditamos que Stálin era só um homem que chegou no poder e decidiu realizar um genocídio. Mas, na verdade, Stálin estava convencido disso. E eu acredito que nenhum indivíduo mata quarenta milhões de pessoas sem ter algo em mente. Não é algo fácil de fazer. É preciso convencer muitas pessoas no caminho. Existe um processo de má fé, de podridão, mas também existe um processo de competência de implementação dessas ideias.

A competência é a mentalidade revolucionária. A mentalidade revolucionária coloca todos os valores no futuro. Isso quer dizer que se não estamos satisfeitos com o modelo atual, precisamos criar um modelo no futuro. O modelo no futuro é uma utopia. Neste caso, o modelo no futuro é: todos trabalham para o Estado, as pessoas são todas iguais, ninguém passa dificuldades. Com isso, outras pessoas aderem ao movimento, pois é senso comum não querer que outras pessoas passem fome ou dificuldades. Só que a realidade vai se impondo com grande força e surgem os primeiros problemas.

No livro “Diário de um combatente”, que é o diário do Che Guevara, podemos perceber que ele era um homem quando abandonou a faculdade de medicina e começou a viajar para fazer a revolução e, ao matar a primeira pessoa, já era outro. Quando Che Guevara fuzila quinze pessoas, antes de implementar a revolução, com o fuzil na mão, e conta “Hoje fuzilamos. Não podemos ter detratores no movimento”, e ponto final, ele é outro.

Existe uma transformação na personalidade. Ele não é o mesmo. Os valores que o norteavam justificavam essas ações. Em sua percepção, é melhor matar quinze pessoas agora do que continuar mais duzentos anos com pessoas morrendo de fome. Esse cálculo fecha para Che Guevara, para Mao Tsé-Tung, para Stálin, para Kim Jong-un, para Hitler, para Mussolini. Fecha para qualquer um que você queira enquadrar em qualquer aspecto totalitário. Eles acreditam que mais vale matar quinze homens agora do que as pessoas continuarem morrendo por determinadas causas solucionáveis pelo resto da humanidade. Está-se criando a utopia humana, o mundo perfeito, o admirável mundo novo. Em sua perspectiva, quem são os outros, exploradores, opressores, herdeiros de uma cultura de dominação, de escravidão, para dizer que isso é incorreto?! Afinal, eles estão matando muito menos do que essas pessoas mataram ao longo da história da humanidade.

O (outro grande) problema é que esse futuro idealizado é móvel, ou seja, ele vai mudando conforme os eventos ocorrem. Nesse ínterim, as mortes vão se multiplicando até atingirem números horripilantes. O futuro nunca chegou na China, na Rússia, em Cuba.

Trazendo mais uma vez para o nosso mundo e para atualidade: quando discutimos o horror de Lula ter comprado o triplex, é preciso entender que o mais grave não é o triplex. O sítio nunca vai ser o verdadeiro problema, embora eu seja totalmente contra a corrupção e defenda punição para esses indivíduos. José Dirceu e José Genoíno foram presos com os punhos para cima, símbolo da revolução de honra, símbolo de quem morre pela causa. Eles não dão a menor bola para o triplex. Eles foram pegos por isso, pois não era possível prendê-los pelas ideias que têm. Não é possível colocar no papel suas ideias e condená-los. Não é possível colocar na cadeia pelo plano. Isso serve para implementar o futuro. Implementar a sociedade ideal.

A mentalidade revolucionária é uma cultura de valores diferentes que está pregando a substituição da sociedade atual por uma nova sociedade. Essa ideologia é o socialismo. Por isso, facilmente se livram da planificação da economia e de todas as estratégias e táticas falhas, sem quaisquer problemas.

A Social-Democracia

A Social-democracia teve origem com um grupo de pessoas que assistiu aos horrores perpetrados por Stálin e decidiu traçar uma estratégia distinta para chegar ao poder. Eduard Bernstein e Karl Kautsky, na Alemanha, fundam o partido social-democrata. Na Inglaterra, um mesmo movimento acontece com a sociedade fabiana.

Ambos questionavam: por que estamos fazendo a revolta armada de Lênin, um homem que perverteu as ideias de Karl Marx? Afinal, Marx nunca havia dito para fazer isso.

Para os social-democratas, a ação política é muito mais importante do que a ação das armas. Deste modo, decidiram começar a implementar as medidas socialistas politicamente, através da sanção de novas leis, de uma taxa progressiva e da criação do *Welfare State*. Além disso, estabeleceram a previdência social e a seguridade social com o objetivo de fazer os aposentados e os desempregados dependerem dos governantes. Mais, promoveram estatizações de áreas da economia de modo a, primeiro, aumentar o poder do governo através do

aumento da concentração de capital e, segundo, fazer a população amar o Estado. Neste cenário, caso um empresário discordasse do governo, não haveria problema, pois o dinheiro, o país e as leis seriam as do governante. O empresário não seria ninguém para impedi-lo.

A social-democracia diferente do comunismo somente no modo de implementação, pois a finalidade é exatamente a mesma: tornar a sociedade socialista. Não existe social-democracia sem a finalidade do socialismo. Em última instância, ambos têm poder de fogo, pois, uma vez no governo, os social-democratas costumam impor o monopólio das armas. E, claro, não existe socialismo sem desarmamento. Não há nenhum exemplo histórico de tentativas de implementação do socialismo sem que haja o desarmamento.

Apenas para tornar isso ainda mais claro. Um dos principais teóricos da social-democracia é Vladimir Lênin, que escreveu o livro “Duas táticas da social-democracia em uma revolução democrática”, ou seja, o próprio Lênin tinha sabido que havia duas vias.

Somente para frisar, a social-democracia e o socialismo não se diferem a não ser no método de implementação. A social-democracia é a taxa progressiva até o controle do poder.

O Fascismo

O Fascismo não é uma grande ideologia. Não há tratados e tratados sobre o tema. Apresenta um aspecto nacionalista e é um totalitário mais efêmero.

Normalmente, o fascismo é enquadrado na direita porque os direitistas parecem mais agressivos, mais patrióticos, mais nacionalistas. Portanto, se uma pessoa é nacionalista, tende a ser caracterizada como de direita. Por outro lado, acoplamos à esquerda a imagem de uma pessoa fumando maconha, com cabelos compridos, que prega uma vida pacífica em que todos sejam iguais. Ao contrapor essa última imagem à Mussolini de farda, gritando “ordem Itália!”, torna-se estranho pensar que pertencem ao mesmo espectro político.

Contudo, ao derrubarmos a matriz de direita e esquerda e entendermos as culturas conservadora e revolucionária, percebemos que o fascismo, de conservador, de preservar a sociedade, pouco tem. O fascismo estabelece o líder, o pai, renovando o modelo de subordinação existente entre rei e súdito. Como não há mais este na sociedade, substitui o rei pelo líder, pela força do Estado. Embora Mussolini não

busque estatizar toda economia, mimetiza práticas econômicas do nazismo, fazendo com que os empresários devam satisfação ao Estado. Seu lema era “Tudo pelo Estado. Nada contra o Estado. Nada fora do Estado”.

Para que vocês consigam compreender como isso funciona, há o caso do filme “A lista de Schindler”. Schindler precisa dar satisfação de sua produção para os nazistas: quanto está produzindo, o que está produzindo, quantos judeus está comprando e para que precisa destes. Schindler estava dando satisfação para um general de guerra pois os nazistas sabiam que não podiam governar todas as empresas. Em vez disso, determinavam todos os aspectos produtivos: o que seria produzido, quanto, para onde. Se seria vendido para a população ou comprado pelo governo - e a qual preço.

Fascismo e nazismo determinam os aspectos da produção econômica, ao menos dos principais *players*. São os empresários amigos do rei de que tanto falamos. Ambos precisam desse capitalismo de compadrio para funcionar.

A revolução nas práticas nazistas e fascistas está fundamentada principalmente no fato de as sociedades não emergirem naturalmente com esses sistemas. Isso não é uma demanda social, mas uma corrupção da forma em que a sociedade estava. Precisa estabelecer o poder, com muito populismo, com muita centralização de Estado, para mudar as leis.

Hitler tentou dar o golpe e fracassou. Posteriormente, ocupou o posto de primeiro-ministro e, depois, de chanceler. Por fim, foi bem-sucedido no golpe que estabeleceu o III Reich. É um golpe atrás do outro, técnica e economicamente falando. Há centralização da moeda, controle de preços, impressão de dinheiro, planificação de parte da economia.

Para deixar mais clara a questão do nazismo, pois o fascismo não é tão polêmico, eu separei alguns pontos.

- 1) Ribbentrop-Molotov: tratado assinado entre a Alemanha nazista e a Rússia no dia 23 de agosto de 1939. Há um ponto dolorido para nossa história. Antes de existir a ideia de campo de concentração, os generais nazistas se aproximaram da Rússia, fizeram uma aliança, e questionaram como o governo soviético estava lidando com os desertores do partido. Os nazistas enviaram um general para Rússia, a fim de investigar os Gulags, campos de concentração soviéticos. Os alemães retornaram ao seu país e a Alemanha importou a

solução dos campos de concentração da Rússia. Os campos de concentração, portanto, nascem de uma aliança entre Stálin e Hitler.

- 2) O maior desafiador de Hitler, na guerra, era Churchill. Revisitem, com atenção, os discursos proferidos por Churchill. Faz sentido, dentro de uma lógica de extrema direita, o estável e secular Reino Unido se opor a um partido de extrema direita?

Como curiosidade, é interessante saber que Hitler implicou com o termo socialista no nome do “Partido Nacional Socialista”, mas, conta a bibliografia, que seu marqueteiro, Goebbels, afirmou que era um ponto atrativo, pois o nome estava na moda.

Conforme consta no “*Mein Kampf*”, internamente, dentro de seu próprio país, Hitler lutou contra os judeus porque estes haviam se apropriado dos meios de produção, exploravam os alemães e eram donos dos bancos. Hitler estava brigando, e essa é a base de seu antissemitismo, contra os donos dos meios de produção. Sua perspectiva era de que os judeus haviam adentrado seu território, a Alemanha, e pegado toda essa produção, formando uma elite que suprimia a raça alemã.

A invasão na vida privada realizada pelo Estado nazista e fascista também os posiciona como medidas revolucionárias.

Questione-se: o que há de conservador em colocar os judeus andando com faixas no braço? Onde, neste ato, há respeito à tradição da sociedade? Onde está o respeito a tradição da sociedade na criação de um campo de concentração, que impõe a necessidade de movimentar, antinaturalmente, todos judeus (entre outros) que estavam dispersos na sociedade, vivendo em guetos? O que tem de conservador em assumir a propriedade privada e estabelecer propaganda do partido? A publicidade industrial, vale mencionar, foi criada por Stálin para perverter a comunicação do Estado e foi importada pelos nazistas.

O nazismo e o fascismo são uma clara invasão à moral individual, às tradições do passado. Ambos lutam contra os meios de produção, contra países conservadores e estabelecidos, e balançam toda a Europa. O simples fato de balançar toda a Europa já demonstra que não se trata de movimentos conservadores. De outro modo, como seria possível causar um estrago tão grande apenas preservando o que já estava acontecendo? É pouco viável, logicamente falando.

A nova esquerda

Ao longo dos anos, o socialismo perdeu suas características tão facilmente identificáveis e ganhou um poder muito mais forte a partir da década de 1960.

Outra mentira que frequentemente nos contam é que o Antigo Regime acabou. Neste, a sociedade era dividida em três classes: nobreza/clero; burguesia e; proletariado.

Será que não podemos chamar de nobre um deputado que ganha R\$150 mil por ano, trabalha somente três dias por semana, tem 13º e 14º salários e não pode ir preso? Ainda mais levando em consideração que ganha isso com dinheiro público, gozando de conforto e de uma equipe inteira ao seu dispor. Será que o Supremo Tribunal Federal (STF), em que onze ministros fazem custas de R\$150 milhões por ano não podem ser chamados de nobres? Na minha opinião, podemos.

Será que não podemos chamar de clero, independentemente de qualquer opinião de juízo de valores acerca deles, Silas Malafaia e Edir Macedo, homens que movimentam patrimônios bilionários? A Igreja Católica e o próprio Vaticano, não podemos chamá-los de clero? Eles não são sustentados com dízimos e com contribuições voluntárias porque as pessoas acham que vivem uma vida melhor com eles?

Os burgueses não sustentam isso, trabalhando, empreendendo, tomando risco? Os burgueses não são taxados pela “nobreza”? E não há os trabalhadores que se sustentam trabalhando para os burgueses?

Diante desse cenário, afirmar o fim do Antigo Regime se torna apenas um recurso para criticar a sociedade pré-Revolução Francesa, pois não faz muito sentido. É importante entendermos que existe algo errado quando enquadramos a sociedade assim. O grande problema está no fato de, constantemente, querermos quebrar essa hierarquia, o que daria uma outra aula.

Existe um movimento de esquerda, dos revolucionários, que ainda não foi devidamente compreendido, sendo esta uma ambição que exigiria uma vida estudando-os. Trata-se da Escola de Frankfurt. O que os teóricos e partícipes da Escola de Frankfurt fizeram é o que hoje identificamos como revolução e esquerdismo. Às vezes, usando nosso tempo para debater a necessidade de uma empresa ser ou não estatal e acerca da progressão de taxaço de impostos. No entanto, raramente discutimos os aspectos da Escola de Frankfurt.

O que é a Escola de Frankfurt? Na Alemanha, um grupo de pesquisadores se reuniu e fundou o Instituto de Pesquisas Sociológica de Frankfurt. Horkheimer, Adorno, Marcuse eram todos milionários, filhos de grandes industriais. Esses amigos, adoradores de um charuto cubano, compraram um hotel, o Grande Hotel abismo, em que se congregaram para pensar a sociedade. Uma das frases de deboche deles é: “Nasci para as coisas boas da vida, mas confesso que não sou apto a conquistá-las”.

De acordo com o professor Olavo de Carvalho, desde o cristianismo, a direita nunca fez isso na proporção que esses homens fizeram. Eles realmente estudaram, e aí reside o problema. Eles se mancomunaram com artistas, promoveram congressos, convidaram pessoas e intelectuais para concederem palestras, leram e traduziram muitos filósofos. Os teóricos da Escola de Frankfurt chegaram à conclusão de que os socialistas e os social-democratas haviam errado brutalmente ao entender a economia como pilar fundamental, pois pensavam no dinheiro como se este não derivasse de algo muito mais importante. No entanto, somos nós, seres humanos, que atribuímos valor ao dinheiro, porque acreditamos nisso. E acreditamos porque temos o valor de acreditar. A partir desse raciocínio, o caminho para revolução estava em fazer o ser humano parar de acreditar. Essa via seria mais fácil do que pegar o poder, fazer todos trabalharem e pensar em cálculos. Os três inimigos da Escola de Frankfurt, uma ideologia que não apresenta um nome, são: igreja, família e escola.

A avaliação é simples: a escola, a família e a igreja formam a cultura, que é o conjunto de valores e crenças transmitido de geração para geração. A Igreja fornece um conjunto de crenças. A família transmite aquilo que aprendeu e a escola, todos os dias, reforça o comportamento do certo e do errado.

Em seu ponto de vista, por a escola constituir um poder muito grande, devido à imposição do retorno diário da criança, não era necessário acabar com ela, mas estatizá-la e transformá-la em uma máquina da revolução.

A família, por outro lado, era, de fato, um grande problema. Herbert Marcuse escreveu coisas que causa náuseas nos defensores da família. Marcuse defende que o pai é o grande inimigo, porque desde a sociedade grega, o *pater família* é a ideia de Deus, o pai é a própria ideia de pai na família, a mesma concepção de autoridade que o indivíduo leva para a escola, a fim de aprender o certo e o errado, e leva para a vida, para ser oprimido nos meios de produção. Por isso, é preciso derrubar a palavra pai enquanto conceito. Nesse momento, tem início a destruição da família.

Os pensadores da Escola de Frankfurt enxergavam essa matriz cultural entre conservadores e revolucionários de que estamos falando. Eles compreendiam que era mais importante converter as pessoas de uma matriz moral conservadora para uma matriz moral revolucionária. Em suas investigações, chegam à conclusão de que as instituições que preservam a cultura que eles tanto querem alterar são a família, a igreja e a escola. A igreja pelo conjunto de dogmas morais, a família pela preservação dos valores de geração para geração, e através do exemplo e do castigo, correção, etc... A escola, por ser reforço da autoridade e aparato da burguesia para formar a classe proletária ou classe cristã, a depender do momento histórico analisado.

Neste contexto, a escola deveria ser preservada, estatizada e utilizada para transformar as crianças em um hospedeiro da revolução. A família, como primeira divisão do trabalho, opressor, capitalista, entre a mãe, que cuida da casa e dos filhos, e o pai, que trabalha para os meios econômicos, deve ser destruída.

Para entender o que a Escola de Frankfurt criou culturalmente com a destruição da família, é preciso aceitar as propostas que farão a partir daqui. As propostas e os herdeiros desses pensamentos têm nomes muito conhecidos. Será fácil identificar que não estamos mais no terreno da União Soviética e de 1917. Não estamos mais em uma conjuntura em que rejeitamos o socialismo por não gostarmos de empresas estatais e da ditadura do proletariado. Estamos adentrando a guerra vigente, marcada pelo feminismo, pelo gayzismo, pela libertinagem, drogas e contracultura.

O que é o feminismo? No instante em que faço essa pergunta, sei as objeções que surgem a vocês. Se sou contra o feminismo, se acho que as mulheres não devem ter direito a voto, se eu acho que mulheres não podem trabalhar. Além disso, se eu acho que as mulheres são inferiores aos homens. Com isso, percebemos que a Escola de Frankfurt teve muito sucesso em seu empreendimento, porque criminalizaram a discordância das ideias que impuseram.

Qual é o estratagema e como eles propuseram essas ideias? De acordo com os pensadores da Escola de Frankfurt, era preciso cooptar dores sociais legítimas, que realmente acontecem, e encapsula-las em uma pílula da revolução. O objetivo era agrupar todos os marginais (daí vem o termo), os indivíduos que estão à margem de uma sociedade aceita e comum, e expor uma nova solução a eles, fazendo deles a nova classe a ser representada pelo partido. É importante ressaltar que essa mudança ocorreu porque os proletários estavam vivendo uma vida confortável, em

que não sofriam mais com as mesmas precariedades e trabalhos exaustivos de 16 horas/dia da Revolução Industrial. O capitalismo, cada vez mais pujante, não deixou de utilizar, preponderantemente, essa forma de trabalho, melhorando progressivamente a qualidade de vida dos trabalhadores, uma vez que isso se provou mais produtivo, a fim de obterem melhores resultados. Deste modo, a causa não podia mais contar com esse trabalhador. Ele não era mais revolucionário. Por isso, era necessário contar com pessoas que estejam marginalizadas.

Eles entendem que, primeiro, era preciso destruir a estrutura familiar através da divisão das pessoas entre homens e mulheres, opondo-os. Dentro desses termos, o feminismo² não se trata de igualar direitos. Nunca se tratou. Nem na Simone de Beauvoir, esposa do Sartre, nem na Escola de Frankfurt, nem em nenhuma das pensadoras do movimento. Basta pegar os livros. A tese do feminismo ante a destruição da família é fazer a mulher enxergar o homem como um opressor.

A Escola de Frankfurt buscou identificar quem eram os marginais, à margem da sociedade atual, para que pudessem endereçar seus fins, não em que causas precisavam resolver. Por isso, a tese do gayzismo não é somente que um gay pode ser gay, mas que é preciso criar uma comunidade gay contra uma comunidade hetero-opressora.

Novamente, quero frisar que existem dores representadas pelas classes homossexuais. Existem problemas entre homens e mulheres, de homens que agredem as mulheres e não são punidos. A sociedade é defeituosa, problemática, e o conservador honesto e ético jamais vai defender a permanência desses problemas.

O segredo da Escola de Frankfurt é instrumentalizar e politizar a pauta. Desta forma, é possível agrupar essas minorias e, uma vez que é a única fonte de representação, demandar a adesão às outras ideias.

No caso do feminismo, por exemplo, funciona da seguinte maneira: sabe por que o homem espancou uma mulher? Porque nossa sociedade é patriarcal, os homens mandam nas mulheres, que são oprimidas. No caso do gayzismo, é questionar: sabe porque a homossexualidade não é aceita? Porque esse mesmo patriarcado estabelece valores cristãos que devem ser derrubados. Da mesma forma: sabe por que a tua libertinagem não é aceita? Porque a mulher é vista como objeto

² Embora possa utilizar a palavra "feminismo" em outra acepção, é fundamental ter consciência de que é uma linguagem de um revolucionário que apresenta um objetivo específico dentro desta teoria.

de propriedade privada desses homens. Por isso, é preciso acabar com a propriedade privada, com a família, a qual apresenta essa divisão do trabalho.

É por esses motivos que essa discussão é tão delicada e tão complicada, porque as dores que acontecem com esses grupos são legítimas e a representação política delas, normalmente, é acompanhada de outros elementos da revolução, junto a outras crenças. Podemos, inclusive, fazer uma investigação honesta, e lembrar das pessoas que representam essas bandeiras como forma de militância, buscando identificar se os outros elementos revolucionários estão ou não presentes. Infelizmente, na militante feminista, não encontramos somente o discurso de uma mulher independente que faz a própria vida, mas o congregado de todos os pontos.

As drogas e a contracultura são, basicamente, um abraço aos anos 1960. O mundo hippie, de jovens desapegados, que pregam “faça amor, não faça guerra”, é o primeiro *slogan* criado. A competição é árdua.

É preciso reconhecer que esses homens fizeram um grande trabalho, pois investigaram as matrizes da cultura conservadora e propuseram ideias que nos exigem muito esforço para serem explicadas. Embora esteja esclarecendo o surgimento a instauração dessas ideias, estou me vigiando pelo politicamente correto, para não ser interpretado como um homem que quer agredir mulheres, gays, que quer guerra e não quer amor. Nessa batalha, eu seria taxado de fascista, que precisa deixar as pessoas viverem em paz e as mulheres terem direitos. A destruição da família, pela Escola de Frankfurt, tem essa tese: agrupar pessoas com dores sociais, que são marginalizadas por n problemas, e fazê-las ingerir a pílula da revolução.

Voltando nossa atenção, uma vez mais, para a mentalidade revolucionária, podemos entender que a Escola de Frankfurt é um movimento revolucionário pois seus membros tentaram compreender a realidade, propuseram uma sociedade utópica e trouxeram os valores desta para si.

De novo, propõe-se: alguém quer uma sociedade em que nenhuma mulher tenha problemas? Que nenhum gay seja desrespeitado? Que nada seja proibido para que as pessoas possam viver se drogando, sem compromisso, uma vida de prazeres sem ninguém te cobrando? É isso que está sendo ofertado. Mesmo sem fazer nada, ganha-se o mérito do futuro. A continuação é a necessidade de colocar isso em prática, através de uma manifestação, em que as mulheres ficam nuas e urinam no chão. Esse é o aparelhamento da família que eles buscam.

A Igreja, a laicização da sociedade, foi mais fácil. Estes pensadores entenderam que a cultura tinha que buscar um Estado laico, em que fosse brega ter religião. O termo que eles utilizam é retrógrado e obsoleto. Não é uma questão de acreditar ou não acreditar, mas apenas de deixar defasado.

Na teoria, essa tese funciona muito. Eles se questionaram como tornar isso uma prática, uma vez que não é fácil divulgar essas ideias. Para ficar cristalino, vamos utilizar as palavras deles: “em um de seus pronunciamentos mais sagazes, [Walter] Benjamin comentou que “o que leva homens e mulheres a se revoltarem contra injustiça não são os sonhos de libertar os netos, mas as memórias de antepassados escravizados. É voltando o nosso olhar para o horror do passado, que a revolução atingirá o seu êxito, na esperança de que, com isso, não nos transformemos em pedras. Seremos impelidos para a frente. O passado precisa ser o nosso adversário””. A primeira tese da Escola de Frankfurt para implementar suas propostas é fazer uma nova história.

Fazer uma nova história não é mentir a respeito do passado, mas sim focar apenas nos aspectos negativos, desenvolvendo e promovendo uma historiografia baseada na Teoria Crítica, que consiste em criticar tudo até a exaustão, fazendo com que caia de podre, dada a facilidade de criticar.

A primeira maneira, o primeiro inimigo, portanto, é a história. A segunda maneira possível de propagar essas ideias é através da fetichização da música. Com isso, quer-se dizer que em vez da relação direta entre o ouvinte e a própria música, existe apenas uma relação entre o ouvinte e o valor social ou econômico que foi atribuído à música pelo seu intérprete.

Essas são pistas de como esses pensadores da Escola de Frankfurt conseguiram, de fato, concretizar suas ideias. A história precisa ter seu terreno devastado, sendo a história de como fomos escravizados, de como o feudalismo foi horrível. A música é a matéria-prima da revolução. Alguns artistas foram convidados para visitar o Grande Hotel Abismo, foram feitos congressos e palestras com essas pessoas. Estava nascendo a *new left*. Dois integrantes da Escola de Frankfurt vão para os Estados Unidos disseminar essas propostas.

Herbert Marcuse, no livro “O homem unidimensional”, está indo para os Estados Unidos popularizar essas ideias. Ele é efetivo em seu objetivo, conseguindo a vulgarização pretendida com o auxílio de um sujeito chamado David Horowitz. Este se arrependeu, virou um conservador e escreveu textos revelando tudo que fez.

Nesse desabafo, temos acesso à informação de quanto eles pagavam aos artistas etc... Foram eles os responsáveis por criar o slogan "*We are the World*", aquela música em que juntaram uma série de artistas célebres. Isso era um processo de reciclagem da comunicação revolucionária.

Ou seja, era por meio da cultura que eles iam laicizar a sociedade, agregar essas classes marginalizadas, defender o ensino público, gratuito e de qualidade, estatizando a escola que, uma vez estatal, é convertida na hospedeira da revolução.

Últimas Observações

Para os conservadores, a teoria e prática propostas e a forma como a Escola de Frankfurt encaminha as questões são completamente problemáticas. O conservador entende que é importante resolver os problemas mencionados, mas não compactua com a mudança da sociedade inteira para isso, porque compreende todo o empenho necessário para que fosse atingido o grau de desenvolvimento presente. Portanto, o conservador não quer consentir com a destruição da sociedade com a finalidade de resolver os problemas, ainda que reconheça a existência destes.

A Escola de Frankfurt, revolucionária, não concordou. Não ficaremos listando exhaustivamente todos os acontecimentos. Importante é identificar como essa matriz de revolução, de querer um futuro ideal, ocupou os filmes, as músicas, espalhou-se ela cultura, para produções que moldam a opinião pública, fazendo com que as pessoas acreditem nessa matriz de pensamento revolucionário. Resumidamente, é a conversão a matriz cultura conservadora para a matriz cultural revolucionária, prática que lhes garantiu muito êxito. Não podemos comparar, minimamente, a adesão social do socialismo à adesão popular da Escola de Frankfurt. Para ter isso claro, basta pensar o quanto normalizou, do século passado para este, indiferente de achar certo ou errado, alguém não acreditar em Deus, aceitar famílias desintegradas ou desestruturadas, e a compreensão de que o ensino público, um político ensinando as crianças, é natural.

Hoje, os pais são obrigados a enviar seus filhos para a escola, submetendo-os ao ensino estabelecido pelos políticos. O *homeschooling* é proibido e não há mais a opção de educar os filhos com base na matriz conservadora. Ou seja, obrigatoriamente é preciso expor as crianças a uma formação com matriz de pensamento revolucionária.

Se eles foram tão vitoriosos, precisamos refletir acerca do crescimento do conservadorismo e seu posicionamento, atualmente, como a nova contracultura.

Bolsonaro tem aprovação popular. Jordan Peterson, um psiquiatra canadense, ganhou fama e reconhecimento por lutar contra o politicamente correto. O filósofo, Olavo de Carvalho, e pensadores conservadores, em foco. Como isso aconteceu? Quando analisamos o contemporâneo, ainda não contamos com o auxílio dos sábios que se consagraram para fazer isso. Portanto, o que conseguimos fazer é entender que houve um esgaçamento da malha social. Experimentamos, ao redor do mundo, vários desses modelos revolucionários e acontece que a utopia nunca chega, está sempre em guerra, está em pressão. A matriz de pensamento conservadora, tardiamente, começou a perceber que não se reconhecia mais em nada do que estava acontecendo, tamanha foram as mudanças nos últimos quinze anos.

Quando o Bolsonaro conquista toda popularidade que tem, indiferente de gostarmos dele ou não, está apontando hipocrisias de lá para cá. O exemplo simbólico máximo disso ocorreu em sua participação no Jornal Nacional, ao se posicionar contra o *kit* gay, um livro a ser distribuído para crianças. Quando Bolsonaro foi mostrar o livro, pediu aos pais que retirassem as crianças da frente da televisão. A jornalista solicitou, então, que Bolsonaro não mostrasse o livro, pois havia crianças na audiência. Ou seja, Bolsonaro estava sendo acusado de homofobia por ser contra o kit e sua declaração de que não é homofóbico, mas que não quer que as crianças tenham acesso ao conteúdo, estava sendo contestada. Ao mesmo tempo, pedem que o conteúdo não seja mostrado pois há crianças assistindo. A hipocrisia é evidente. Esse apontamento é importante e houve a criação desse grande movimento atual, em que há, digamos, uma polarização entre a matriz revolucionária e a matriz conservadora.

Para finalizar, o conservador permite mudanças? Dita de outro modo, essa pergunta poderia ser: o conservadorismo não seria uma espécie de reacionarismo que nos impede de evoluir, onde não conseguimos empreender, onde não conseguimos fazer nada? Na verdade, não, porque a melhor maneira de definir o conservadorismo é a seguinte: a mudança começa na vida privada. Depois, se achar apropriado, a mudança abrange sua casa, sua família. Se os vizinhos gostarem da mudança, eles a copiam. Se os concorrentes de mercado acharem que está dando lucro, também a adotam. E se a cidade achar maravilhoso, implementa-a. A mudança

ocorre debaixo para cima e nunca de cima para baixo. Separei um trecho do Jordan Peterson que versa sobre como ele entende essa dinâmica:

“Algumas coisas mudam rapidamente. Mas essas, estão aninhadas dentro de outras que mudam menos rapidamente. A música frequentemente segue esse modelo. As folhas mudam mais rápido do que as árvores. As árvores, do que as florestas. O tempo muda mais rapidamente do que o clima. Se não fosse assim, o conservadorismo da evolução não funcionaria. Uma vez que a morfologia básica dos braços e mãos, teria que mudar na mesma velocidade que o comprimento dos ossos do braço e a função dos dedos. É o caos, dentro da ordem, dentro do caos, dentro de uma ordem maior. A ordem mais real é aquela que é mais imutável e não necessariamente a ordem que é mais facilmente observada. A folha, quando percebida, pode fazer com que o observador não veja a árvore. A árvore pode fazer com que ele não veja a floresta. E algumas coisas que são mais reais, tais como a eterna presença da hierarquia, não podem ser observadas de jeito algum”.

PERGUNTAS:

1) Quando você fala da influência da Escola de Frankfurt na religião, você está se referindo à teologia da libertação?

Não diretamente. A teologia da libertação é um aparelhamento mais direto. A Escola de Frankfurt quer realmente mudar a matriz de pensamento, eles realmente acreditam nisso. É importante diferenciar. Por isso, é outra corrente, entende? O que eu entendo da teologia da libertação é que é uma coisa mais vulgar, é uma coisa mais marxista e trabalha opressores e oprimidos na raiz. É mais marxista, menos Frankfurt. Ambos estão no mesmo bojo de trazer a mentalidade revolucionária à tona. São a mesma cultura, mas não são o mesmo instrumento. A perspectiva que a Escola de Frankfurt tem acerca da Igreja é uma retomada de Feuerbach. Feuerbach estuda Hegel, a dialética histórica de Hegel, que é basicamente luta de classes, e entende que nesse processo de dialética o homem criou Deus para ser autoconhecer. E esse é um processo da dialética histórica que deve findar num próximo processo de dialética. Eles entendem o fim da Igreja como uma consequência natural da dialética histórica. Enquanto a teologia da libertação preserva a instituição da Igreja e entende que seus

conceitos devem ser reinterpretados para serem utilizados como meios para revolução.

2) Se não houvesse esses agentes revolucionários, não teríamos a evolução tardia de alguns aspectos da convivência humana?

Esse argumento vem do Hegel. Ele criou o argumento de que a história é o confronto de uma tese contra uma antítese. Ele pegou a lógica e aplicou na historiografia. Para Hegel, nós tínhamos os camponeses e os senhores feudais. A briga entre eles gerou a sociedade burguesa. E quanto mais rapidamente ocorrer a briga, mais rápido vai ocorrer a revolução.

Hegel não era marxista, era anterior a isso, mas trouxe esse aspecto da dialética histórica. O Karl Marx pegou essa dialética do conflito de sociedades e civilizações e aplicou-as à luta de classes. Para o Karl Marx, dos plebeus contra os aristocratas gerou-se o cristianismo. Camponeses contra senhores feudais gerou a sociedade burguesa. Burgueses contra proletários geraria a revolução socialista. Por isso, essa aceleração era importante para eles.

Há, sim, um processo de aceleração quando isso acontece. Mas há um preço pago por isso que moralmente não é aceitável, na minha opinião. Vamos pegar tanto o aspecto moral quanto o pragmático. O transplante de órgãos foi uma técnica desenvolvida na Alemanha nazista. Como eles ensaiaram isso? Alguns cientistas testaram como fazer um transplante de órgãos. Como podemos imaginar, não foram pesquisas e testes simpáticos e consensuais. Há um preço moral muito caro de se pagar, sem que haja a certeza do resultado. Esse aspecto também é importante. Primeiro é realizado, para depois saber se o resultado obtido foi positivo. Pragmaticamente falando, as sociedades que percorreram esse caminho empobreceram muito em qualidade de vida. E não estou nem falando de capital econômico embora este seja, sim, qualidade de vida. A China comunista só se salvou, nos anos 1960, quando abriu as portas de Hong Kong. Singapura só se salvou quando abriu as portas na década de 1950. Cuba vem sendo salva a partir dos anos 1990, ainda muito precariamente, com a diminuição do grau do regime. As sociedades empobreceram muito: a expectativa de vida é menor, há menos recursos, há menor distribuição de renda.

Eu coloco muito em dúvida essa perspectiva. Claro que, na história é muito difícil dizer o que teria acontecido caso um outro evento/acontecimento não tivesse ocorrido.

- Analisando as consequências de Hitler e do que embasava o pensamento nazista, se isso não tem relação com um certo cientificismo, que lida apenas com aspectos materiais da vida humana e menospreza qualquer aspecto metafísico, espiritual ou transcendente. E que isso justificaria, com base nesse cientificismo, um pouco da cosmovisão hitlerista.
- Eu concordo, em parte. Eu acho que existe uma influência imensa do cientificismo na visão alemã. Porque o método de pensar arroga para si essa metodologia. Só que não é cientificista, no sentido de que a raça ariana não existe. Não existe a raça do alemão puro. Isso é uma falácia. Não existe nenhuma comprovação e nem nenhum dado que justifique em nenhum tempo histórico essa raça pura. A gente não tem essa comprovação. O que Hitler fez - e Goebbels sabia disso - era um mito. Ele resgatou a zuástica, que não foi inventada por eles, ele fez o partido nacional socialista dos trabalhadores alemães, que era o mais marqueteiro que podia ser, ele fez as fardas hierárquicas. A aposta marqueteira do partido nazista é que é mais fácil gerar um elo entre o trabalhador alemão com o trabalhador alemão do que com o trabalhador russo e o trabalhador francês. Eu coletivizar as pessoas e fazer elas revogarem o individualismo em nome de um coletivo, é muito mais fácil eu uni-las pelo sangue, pela pátria, que já era tão tradicional, digamos assim, do que uni-las por esse novo conceito de proletários de países diferentes como tentativa o socialismo marxista. Hitler não era marxista. Hitler é um revolucionário. A cultura dele é de revolução. A ideologia dele não é o marxismo, é o nazismo. Tem escopo bem definido. Eu entendo que nessa tentativa de mito, da mesma forma como ele pegou o socialismo como recurso propagandístico, a suástica, as fardas, ele pegou a ciência como método propagandístico para criar essa união entre a raça ariana. Tenho para mim, lendo *mein kampf* e outras coisas, que Hitler de fato acreditava nisso que ele estava falando. De qualquer forma, entendo que foi um recurso de propaganda principalmente ministrado pelo Goebbels, que era o ministro de propaganda do

partido. Ele usou mais disso muito mais do que exerceu ciência. Explica sim a ruptura da cosmovisão, há sim um movimento científico nisso, mas ele não exerceu a ciência como método, ele só exerceu a autoridade dela como propaganda.

BIBLIOGRAFIA:

John Locke - Segundo Tratado sobre o Governo Civil
Adam Smith - A riqueza das nações
Friedrich Hayek - Caminho da Servidão
Ludwig von Mises - Ação Humana
Hans Hermann Hoppe - Democracia, o Deus que falhou
Bertrand de Jouvenel - Poder, história natural de seu crescimento
Edmund Burke - Defesa da Sociedade Natural
Roger Scruton - O que é conservadorismo?
Russell Kirk - A política da prudência
Russell Kirk - A mente conservadora
Chesterton, Ortega y Gasset e C.S. Lewis.
Marx e Engels - Manifesto do Partido Comunista
Lênin - Duas táticas da social-democracia na revolução democrática
Stuart Jeffries - Grande Hotel Abismo: a Escola de Frankfurt e seus personagens
Eduard Bernstein - Socialismo Evolucionário
Adolf Hitler - Mein Kampf (Minha luta)
Eric Voegelin - Hitler e os alemães
Hannah Arendt - As origens do totalitarismo
Olavo de Carvalho - O problema da verdade e a verdade do problema
Olavo de Carvalho - A mentalidade revolucionária
Olavo de Carvalho - Nova era e a revolução cultural
Jordan Peterson - Material online
Jordan Peterson - 12 regras para a vida